

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Rosangela Frota Oliveira

A internet na vida dos casais contemporâneos

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Programa de pós-graduação

Especialização em Psicoterapia de Casal e Família

Orientadora: Prof^a Cristina Ribeiro Dantas

Rio de Janeiro

Dezembro 2018

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Rosangela Frota Oliveira

Matrícula: 171.599.013

A internet na vida dos casais contemporâneos

Monografia apresentada no programa de pós-graduação do
Departamento De Psicologia da PUC-Rio como requisito para obtenção
parcial do título de Especialista em Psicoterapia de Casal e Família

Orientadora: Prof^a Cristina Ribeiro Dantas

Rio de Janeiro

Dezembro 2018

Agradecimentos

À professora Terezinha Fêres-Carneiro, pela orientação, leitura atenta e correções dadas ao projeto deste trabalho durante a disciplina “Seminário de pesquisa”. Este apoio foi fundamental para uma construção de um projeto claro e realizável neste segundo semestre.

À professora Cristina Ribeiro Dantas por sua disponibilidade, interesse, comprometimento, disciplina, energia e observações preciosas. Sua orientação, comentários e encorajamentos foram elementos motivadores e essenciais para a execução e conclusão deste trabalho.

À professora Mônica Dias, pela leitura atenta e correções finais deste trabalho, assim pelo acompanhamento pedagógico durante toda minha formação.

À PUC-Rio e sua equipe de professores que me aceitaram neste curso de especialização de casal e família, ministrando aulas inesquecíveis e enriquecedoras. A experiência de voltar à faculdade foi incrível.

À minha família, esposo e filhos, por sua paciência durante este processo de escrita que me tomou vários finais de semana de convivência familiar. Obrigada pelo apoio e carinho durante este processo.

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo realizar um estudo teórico sobre o impacto da internet na vida dos casais contemporâneos. Para abordarmos este vasto tema, começamos por uma revisão teórica sobre as noções de casal e conjugalidade e como as relações amorosas têm evoluído ao longo dos tempos. A seguir, abordamos como a revolução digital vem afetando as relações interpessoais. Partimos da premissa que a internet age tanto de forma positiva quanto negativa na vida dos casais. Desta forma, fizemos um primeiro levantamento bibliográfico sobre as interferências positivas da internet na vida dos casais, nos interessando particularmente sobre como os casais atuais vêm fazendo suas escolhas amorosas por meio de aplicativos de relacionamentos. Num momento ulterior enumeramos diversos aspectos que corroboram com a ideia de que a internet tem um impacto negativo na vida dos casais, enfatizando o fato que a internet não cria novos problemas para os casais, no entanto ela atualiza problemas antigos levantando novas questões como traição virtual, ciúmes nas redes sociais e vícios digitais. O estudo deste fenômeno contemporâneo poderá fornecer subsídios para a prática clínica com terapia de casais pois, atualmente, em todas as questões trazidas pelos casais, a internet é onipresente.

Palavras-chave

Internet, casal, conjugalidade contemporânea, sites de relacionamento, infidelidade virtual.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	06
2. OS CASAIS E AS RELAÇÕES AMOROSAS.....	09
2.1. A escolha amorosa.....	09
2.2. A evolução dos encontros amorosos ao longo dos tempos.....	12
2.3. Namoro, casal e conjugalidades.....	14
2.4. Como a internet e as redes sociais têm influenciado as relações interpessoais.....	16
3. A INTERNET INTERFERINDO POSITIVAMENTE NOS CASAIS CONTEMPORÂNEOS.....	20
3.1. Os novos casais e a influência da internet em suas vidas.....	20
3.2. Os Aplicativos de relacionamento	24
4. A INTERNET INTERFERINDO NEGATIVAMENTE NOS RELACIONAMENTOS.....	32
4.1. O Impacto negativo da internet na vida dos casais atuais.....	32
4.2. A internet e a traição.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1.

Introdução

Ao longo da história, o casal tem sido objeto de interesse e estudo e o modo como ele se forma e se relaciona tem se transformado através dos tempos. O amor do século XXI não é igual àquele do século XX. As formas de se amar são distintas, assim como a maneira como os relacionamentos acontecem. O final deste século foi marcado pela chegada de novos meios de comunicação e pelo surgimento da internet. Os encontros pela internet passaram a ser uma necessidade social, tanto para assuntos profissionais quanto pessoais e amorosos. As novas tecnologias fazem parte do cotidiano dos membros do casal. Enquanto evoluem através dos tempos, os sujeitos vêm sendo influenciados pela internet.

Nicolaci-da Costa (2002) acredita que as inovações tecnológicas dos últimos tempos geraram não apenas mudanças nos hábitos e comportamentos das pessoas, mas também, profundas transformações em seus modos de ser, que merecem ser estudadas por psicólogos para que estes possam entender a nova organização subjetiva dos homens e mulheres contemporâneos. A autora descreve vários aspectos negativos e positivos ligados ao uso da internet na atualidade, lembrando que, mesmo antes do aparecimento da internet, as pessoas já se relacionavam à distância pelo telefone fixo, que também é um tipo de comunicação virtual à distância, em tempo real (NICOLACI-DA-COSTA, 2005).

Na prática psicoterápica atual vemos um aumento das demandas ligadas à interferência da internet nos relacionamentos dos casais: encontros amorosos por aplicativos de relacionamentos, ciúmes nas redes sociais, abuso de pornografia virtual, infidelidade virtual, relacionamentos à distância, etc. Estes são fenômenos novos e encontramos poucos estudos abrangendo as diferentes dimensões da influência da internet na vida dos casais. Quando pensamos em internet, pensamos também em telefonia celular. Inicialmente, estas duas tecnologias podiam ser estudadas separadamente, entretanto, atualmente, os celulares são muito mais utilizados por seu acesso à internet e às redes sociais que pelo seu aspecto de telefonia. Neste trabalho não faremos distinção entre telefonia celular e internet, visto que, para o sujeito contemporâneo, ambas estão intimamente ligadas.

Este estudo teórico visa levantar informações atuais sobre o impacto da revolução digital sobre os membros do casal contemporâneo, com o intuito de contribuir para uma maior compreensão dos mecanismos psicológicos envolvidos. Além disto, o estudo deste fenômeno contemporâneo e controverso poderá fornecer subsídios para a prática clínica de profissionais que trabalham com terapia de casais e com questões levantadas em terapia individual sobre relacionamentos amorosos virtuais. Vemos hoje opiniões bastante divergentes sobre o assunto, alguns teóricos, como Bauman (2004) acreditam que a sociabilidade virtual fragiliza os laços humanos. Já outros estudiosos do assunto, como Nicolacci-da-Costa (2002, 2005) acreditam que estas reações negativas sobre os relacionamentos virtuais são infundadas e merecem melhor compreensão.

Para realizar um estudo teórico sobre o impacto da internet na vida dos casais contemporâneos, realizamos um levantamento e análise bibliográfica das diferentes e recentes produções sobre o tema. Por se tratar de um assunto atual, que se encontra no carrefour de diferentes disciplinas, utilizamos estudos oriundos de diferentes campos de conhecimento, como a psicanálise, a psicanálise de família e casal, a teoria sistêmica de família, a psicologia social, a filosofia, a sociologia, a história, entre outros. Além de livros e artigos acadêmicos, exploramos igualmente o que é veiculado em revistas, jornais e sites diversos.

No primeiro capítulo deste trabalho, começaremos abordando os mecanismos inconscientes que entram em jogo na escolha amorosa com as teorias psicanalíticas de Freud (1914) e Eiguer (1985). Através destes estudos, veremos que a escolha amorosa não envolve apenas duas pessoas no aqui e agora. Em realidade, ela está relacionada a aspectos mais complexos, atuais e passados, ligados às famílias de origem e aos vínculos amorosos construídos na infância, recebendo influências das relações significativas vividas anteriormente por cada um dos parceiros.

Passaremos, então, por uma breve evolução histórica dos encontros amorosos e da formação dos casais, a partir dos trabalhos de Ramalho (2005) que estudou o site par perfeito e de Moreira dos Santos (2017) que discorreu acerca da chegada do aplicativo Thinder, no Brasil. Depois estudaremos as noções de namoro, casal e conjugalidade utilizando estudos dos seguintes autores: Béjin (1987), Dias

(2000), Giddens (1992; 2002), Magalhães (2005), Puget e Berenstein (1993), Duarte e Rocha-Coutinho (2011), Donnamaria e Terziz (2009). Estes autores nos ajudarão a pensar sobre a importância do laço conjugal e de um olhar psicanalítico sobre os aspectos subjetivos da conjugalidade. Veremos também como esta conjugalidade vem se transformando nos últimos tempos e os desafios que sua construção representa para os casais contemporâneos. As abordagens aqui serão psicanalíticas e sistêmicas.

Concluiremos este capítulo relatando acerca das influências que o advento da internet e das redes sociais têm sobre as relações interpessoais, nos baseando em textos de Bauman (2004), Nicolaci-da-Costa (2002, 2004 e 2005), Freire *et al.*, (2010), Portela (2015) e Canezin e Almeida (2015). Por se tratar de um assunto rico e controverso, encontramos tanto reações negativas quanto positivas ligadas aos impactos deste novo espaço de sociabilidade na vida de homens e mulheres contemporâneos.

No segundo capítulo investigaremos como a internet tem influenciado positivamente a vida dos casais contemporâneos, citando os autores Duarte e Rocha-Marinho (2011), Neyrand (2015), Levy *et al.*, (2017), Moreira dos Santos (2017), Illouz (2011), Le Douarin (2014). Fecharemos este capítulo destacando alguns aplicativos de relacionamento disponíveis no Brasil e de que maneira eles vêm transformando o processo de encontro dos casais atuais. Descreveremos as questões psicológicas envolvidas neste processo citando estudos de Levy *et al.*, (2017), Moreira dos Santos (2017), Ramalho (2005) e Jardim (2017).

No terceiro capítulo investigaremos de forma mais ampla como o advento da internet e das redes sociais têm interferido negativamente nas relações dos casais. Veremos como os membros do casal contemporâneo têm lidado com estas novas demandas e o impacto deste fenômeno na vida dos casais, os fragilizando e até servindo como ponto de ruptura de relacionamentos. Artigos de jornais e revistas também serão utilizados para este levantamento. Finalmente, concluiremos o terceiro capítulo abordando os temas da traição conjugal e da traição virtual. Citaremos estudos de Hintz (2001), Le Douarin (2014), Portella (2015), França (2018), Haack e Falcão (2013), Freire *et al.*, (2010), Canezin e Almeida (2015), Perel (2018), França (2018) e Gomes e Levy (2013).

2.

Os casais e as relações amorosas

2.1.

A escolha amorosa

A escolha amorosa é fortemente marcada por questões vividas na infância de cada um dos parceiros e é guiada tanto por aspectos conscientes quanto inconscientes. Ela é influenciada pela escolha objetal de cada parceiro e de como eles vivenciaram na própria família de origem, os vínculos e os modelos parentais.

Freud (1914) identificou duas motivações que podem estar na base de um processo de escolha amorosa: a escolha amorosa do tipo narcisista; e a escolha amorosa do tipo anaclítica. No primeiro tipo de escolha, a narcisista, a pessoa busca um objeto de amor que se assemelhe a ela mesma. Freud descreve esta escolha da seguinte forma:

A pessoa pode amar em conformidade com o tipo narcisista, o que ela própria é; o que ela própria foi; o que ela própria gostaria de ser; alguém que foi uma vez parte dela mesma” “uma pessoa amará o que foi outrora e não é mais, ou então o que possui as excelências que ela jamais teve (FREUD, 1914, p.107, p.118).

Já no segundo tipo de escolha amorosa, a do tipo anaclítica, os parceiros buscariam alguém que lhes permitisse encontrar um apoio (pai ou mãe da infância), sem que houvesse uma identificação ativa e adulta com o pai do mesmo sexo. Neste caso, se trataria de uma identificação parcial. O encontro do casal teria como objetivo inconsciente uma forma de substituição do objeto perdido. O encontro com o objeto é na verdade um reencontro.

Eiguer (1985) descreve três organizadores da vida familiar inconsciente; seriam eles a escolha do objeto (parceiro) no momento da instalação da vida amorosa, o

“eu familiar” e os fantasmas partilhados. Estes organizadores ajudariam na construção de vínculos recíprocos e reativariam antigos investimentos pulsionais. Para este trabalho, nos interessa o primeiro organizador inconsciente descrito por Eiguer: a escolha do parceiro, que é baseada no Édipo e suas transformações. A escolha de um objeto sexual - parceiro amoroso permite uma saída possível para o Complexo de Édipo e a proibição do incesto. A pessoa buscará um objeto de amor que se pareça com sua mãe-pai, para tentar conciliar a angústia de castração e identificação. Vemos assim que a escolha do parceiro não é feita ao acaso, mas é resultante das formações de compromissos inconscientes. E mais, os dois parceiros entrecruzam seus objetos inconscientes criando assim um mundo objetal compartilhado. A descoberta do parceiro seria assim uma redescoberta e o resultado do amor infantil. A escolha do objeto sexual mobiliza os inconscientes individuais e dá nascimento ao inconsciente do casal(EIGUER, 1985).

Eiguer (1985) retoma a teoria de Freud e enuncia três tipos de escolha amorosa: A escolha narcísica ou simétrica, a escolha anaclítica ou assimétrica e a escolha edípica ou dissimétrica. Segundo o autor, esta última seria uma escolha mais madura. Trata-se aqui de uma identificação ativa. Um adulto projetaria inconscientemente em seu novo objeto amoroso, qualidades ligadas às representações de sua infância: seu pai, sua mãe e a relação entre eles. Eiguer (1985) ressalta que muitas vezes os casais escolhem um parceiro que seria o oposto (física e psicologicamente) ao pai do outro sexo e isto pode ser visto como uma escolha defensiva. Segundo o autor, seria frequente na clínica observarmos escolhas amorosas de um parceiro que se assemelhe ao pai do mesmo sexo: o homem buscaria como parceira alguém oposto ao que sua mãe era e talvez parecida com que seu pai era, e a mulher procuraria um homem que seria o que seu pai “não era”, mas que poderia ser parecido ao que sua mãe era. Esta escolha teria uma natureza homossexual. A escolha do objeto sexual mobiliza os inconscientes individuais e dá nascimento ao inconsciente do casal e da futura família (EIGUER, 1985).

As teorias de Freud e Eiguer nos guiam para entendermos a complexidade dos mecanismos inconscientes que levam duas pessoas a se escolherem. Entretanto, elas não esgotam todas as motivações possíveis. Segundo Satir (1993)

Os parceiros são inconscientemente atraídos um pelo outro por uma adesão emocional e psicológica que ignoram totalmente. É óbvio que as pessoas que ainda são muito dependentes dos pais tendem a repetir os mesmos jogos com o parceiro. E os dois jogam o mesmo jogo (p.36).

O casal e a escolha amorosa se inserem num contexto social e psicológico. Segundo Angelo (1993) a escolha do parceiro amoroso é algo sutil e sofisticado que se baseia num jogo de “vazios” e “cheios”, onde há uma constante tentativa de se unir à conteúdos ideais e de se separar deles. Vemos assim como são importantes os aspectos históricos da vida de cada parceiro envolvido. É importante frisar também que todo encontro ocorre dentro de um “contexto” e de um “tempo” e dependendo deste contexto e deste momento, o tipo de escolha pode ser diferente. Vemos assim que as escolhas amorosas dos adolescentes são muito diferentes das escolhas amorosas de pessoas mais maduras e podemos dizer até, conforme Angelo(1993) que “em geral, com o passar do tempo, a escolha de um parceiro se torna cada vez mais complicada e sujeita a um maior número de exigências” (p. 48). Cada escolha se insere numa série de relações em contínua evolução, que estão sempre se recriando e se reinventando. Segundo Angelo (1993):

Quanto menos elementos conflitantes não resolvidos tiver uma família de origem, tanto mais “livre” é a escolha do parceiro, no sentido de que as obrigações, as proibições, a necessidade de se ligar a um “determinado” tipo de parceiro são muito menos presentes” (p.49).

A escolha amorosa de um parceiro envolve bem mais que somente duas pessoas, pois cada pessoa está envolvida no que vive em suas relações atuais e, também, em sua dimensão histórica. Na verdade, há um plano “horizontal”, onde vemos os repetidos fracassos sentimentais com diferentes parceiros e há também um plano “vertical” que é influenciado pelos relacionamentos com os pais e outras pessoas significativas da família de origem (ANGELO,1993). Qualquer novo relacionamento pressupõe um confronto com outros relacionamentos significativos - com pais, irmãos, parentes, amigos - dos quais o sujeito precisa se diferenciar.

2.2.

A evolução dos encontros amorosos ao longo dos tempos

Giddens (1992) relata que na Europa pré-moderna, os casamentos não eram ditados pela atração sexual mútua, mas, principalmente, por interesses econômicos e de trabalho. Quando se falava de amor em relação ao casamento, falava-se de um amor de companheiros ligado à responsabilidade mútua dos esposos no cuidado à família e à propriedade. O amor romântico só apareceu na Europa a partir do século XVIII e era um amor essencialmente feminilizado, romances que falavam de uma subordinação da mulher ao lar. Progressivamente, os ideais do amor romântico foram substituindo os casamentos por interesse por casamentos por amor. Segundo Ramalho (2005), no Brasil os casamentos por amor só foram acontecer no século XIX, alguns anos depois da Europa.

Começaram então os “namoros à moda antiga”, onde havia o flerte em igrejas, praças, ruas, etc. No início do século XX e antes da revolução sexual, a escolha de um futuro parceiro acontecia nos espaços públicos (bairro, escola, rua, etc.) ou no círculo das relações familiares, dos parentes e dos amigos dos parentes. Este hábito de frequentar espaços públicos e círculos sociais para flertar perdurou, tanto que no Brasil, nos anos 60 e 70 se buscava um possível parceiro amoroso em locais como praias, festas de formatura, discotecas, entre outros.

Para Béjin (1987), antes da revolução sexual, o namoro era controlado pelos pais e tinha como função ser uma etapa até o casamento. De fato, os relacionamentos eram mais controlados pelas famílias, havia namoros escondidos, havia receio dos pais e até mesmo a necessidade de preservar a virgindade para o casamento. Giddens (1992) relata que, durante a segunda guerra mundial a virgindade antes do casamento, por parte das garotas, era apreciada por ambos os sexos e as garotas mais sexualmente ativas eram depreciadas pelas outras e pelos próprios homens, muito diferente do que ocorre hoje em dia. Este autor declara, já em 1992 que, as mudanças sexuais das garotas foram muito mais pronunciadas que entre os rapazes.

As décadas de 60 e 70 do século passado foram um período de eclosão da revolução sexual que trouxe importantes mudanças nos códigos de comportamento sexual, como uma maior liberação sexual e maior liberdade em relação ao próprio corpo. Para Giddens (1992), após a revolução sexual surgiu um novo tipo de amor, mais real do que o amor romântico: o amor confluyente. A base deste amor é a reciprocidade do afeto e do envolvimento emocional, as pessoas mantêm a relação por elas mesmas, e não por outros interesses, como filhos, dinheiro, etc. Segundo o autor, seria, então, uma relação pura que pressupõe uma igualdade entre as partes. Neste tipo de relação, baseada no compromisso e na satisfação recíproca, o prazer sexual é fundamental

Já no final do século XX, com a criação da internet, surge um novo espaço de flerte: o ciberespaço, um espaço de comunicação digital compartilhado nas redes de computadores (NICOLACI DA COSTA, 2002). Segundo a autora, a internet criou novos espaços de vida. Aparecem então os relacionamentos “online” ou “virtuais”. Primeiramente, por meio de salas de bate papo (chats), onde as pessoas conversavam e se apaixonavam sem nem sequer terem se encontrado, ou visto foto, um do outro. Tempos depois surgiram as “webcams” e a possibilidade das pessoas se verem e também se ouvirem (MSN, ICQ, etc.). A partir do aparecimento das “webcams” e das fotos, a lógica do “mundo real” se impôs: o primeiro critério de seleção de um parceiro é a aparência física (RAMALHO, 2005).

Por fim, por volta de 1995, surgem os primeiros sites de relacionamento do tipo “Par Perfeito” ou “Match.com”, onde havia um cruzamento de informações de cada usuário para se achar sujeitos compatíveis. Illouz (2011) relata que, nestes sites, para se encontrar um parceiro compatível, preenchia-se enormes questionários (aparência, idade, interesses, características pessoais, etc.) que serviam para se obter um perfil do candidato. Tudo começava, então, por um processo reflexivo de auto-observação e por uma apresentação de si, baseada no que se acreditava ser mais desejável para o outro. As pessoas se apresentavam para uma plateia generalizada e abstrata. Pouco depois, estes sites de relacionamento evoluíram para a versão aplicativo (tinder, happn, entre outros) e neles, as fotos passaram a ocupar um lugar central na escolha amorosa. Para Illouz (2011), toda pessoa que está à procura de alguém, se encontra num mercado e em

competição com outras pessoas. A autora sugere que grande parte do encanto do amor romântico está relacionado com uma economia e escassez de encontros e o que acontece nos sites de relacionamento é justamente o oposto, vemos uma economia de excessos.

Estes aplicativos mudaram a perspectiva dos encontros amorosos. Hoje em dia há fartura de oferta e homens e mulheres não ficam mais esperando o amor acontecer, eles partem para uma procura ativa de parceiros amorosos por meio de um grande número de aplicativos de paquera (MOREIRA DOS SANTOS, 2017). Vemos assim, que as maneiras de se amar e de se formar um casal mudaram muito ao longo dos anos. Atualmente, além do amor, que pode acontecer a qualquer momento, busca-se também prazer, sexo e um par perfeito.

2.3.

Namoro, casal e conjugalidades

Duarte e Rocha-Coutinho (2011), em acordo com as ideias de Giddens (1992), relatam que, nos relacionamentos contemporâneos como o namoro, a escolha do parceiro é voluntária e busca, sobretudo, satisfação pessoal e um prazer sexual recíproco. Nestes novos tipos de relacionamentos, a monogamia e a heterossexualidade passam a ser negociáveis. O relacionamento termina quando um dos parceiros não estiver mais satisfeito ou motivado. Estes relacionamentos podem ser então mais instáveis, na medida em que seus membros estão sempre esperando obter grandes satisfações afetivas e sexuais. O que mantém a relação é, acima de tudo, o compromisso para com ela, o vínculo que os parceiros constroem entre si.

Segundo Dias (2000), na contemporaneidade, a construção de um casal é um processo progressivo que começa pela atração e pela descoberta de um outro que ainda é um estranho. Aos poucos, este estranho vai se tornando íntimo, passamos a conhecer seus hábitos, opiniões, sentimentos. Este outro passa a fazer parte de um “nós conjugal” e aparecem sentimentos de ternura e apego. Este apego tem

como base as trocas cotidianas e uma busca por segurança. O casal se formaria a partir do encontro amoroso e do encontro de duas histórias de vida e de dois projetos de vida (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Há também, encontros amorosos marcados pela paixão ou “amor apaixonado”. Este, seria um sentimento mais violento e instável e, a possibilidade de uma pessoa se apaixonar dependeria, também, de sua capacidade de correr riscos (ROUSSET, 2014). Para Giddens (1992), o amor apaixonado é marcado pela urgência e por um envolvimento emocional com o outro que é invasivo, ocorrendo uma idealização temporária do outro. Para o autor, este tipo de amor tem a qualidade de encantamento e leva, frequentemente, os envolvidos a ignorar suas obrigações habituais. Ele é, então, perturbador das relações pessoais e pode levar a opções radicais e ao sacrifício. Assim, ele não tem sido considerado como uma base necessária e suficiente para o casamento, mas ao contrário, é visto como perigoso. A passagem da paixão para o amor envolve o desenvolvimento de muitos aspectos, como a forma que cada um consegue lidar com suas frustrações, suas diferenças e a realidade. O amor envolve ternura, amizade, compaixão, ética e delicadeza (ROUSSET, 2014).

Puget e Berenstein (1993) definem um casal a partir do vínculo entre as pessoas que o compõem, o chamado vínculo conjugal ou relação conjugal. Um casal seria uma estrutura vincular entre duas pessoas, a partir do momento que se comprometem a fazer parte dela. A base desta estrutura vincular do novo casal seria inconsciente e ligada à estrutura da família de origem de ambos os parceiros. Segundo Magalhães (2005): A trama identificatória dos parceiros configura uma identidade que engloba sentimentos, emoções, ideias, expectativas e projetos compartilhados. Nessa dimensão conjugam-se aspectos conscientes e inconscientes dos parceiros (p.225).

A conjugalidade se caracteriza por momentos de maior fusão entre os membros do casal ou, ao contrário, de maior diferenciação entre eles. Segundo a teoria psicanalítica, “o *eu* surge a partir do *nós* primitivo, ilusão de fusão da simbiose mãe-bebê. Na conjugalidade, nos deparamos com o enquadre privilegiado para a reatualização desses conflitos primitivos” (MAGALHÃES, 2005, P.227). No momento em que um casal se forma, é preciso que haja muita negociação entre os

“eus” de cada um para se chegar ao “nós conjugal”. Magalhães (2005) ressalta a interpenetração de subjetividades que é operada na conjugalidade e que também teria influência na redefinição de cada parceiro envolvido. Para ela, a conjugalidade se estruturaria de acordo com a possibilidade que têm os parceiros de se constituírem como um “objeto-casal” compartilhado.

Para Puget e Berenstein (1993) a conjugalidade possui quatro parâmetros que a definem: a cotidianidade (as trocas diárias do casal que regulam e organizam a identidade do casal); o projeto vital compartilhado (numa relação entre duas pessoas, é importante que haja um projeto do casal compartilhado, para além dos projetos individuais de cada membro); as relações sexuais (a sexualidade é um importante parâmetro para se definir um casal e a conjugalidade); e a tendência monogâmica. Na atualidade, estes parâmetros estão sendo modificados em uma velocidade vertiginosa (DONNAMARIA & TERZIS, 2009).

2.4.

Como a internet e as redes sociais têm influenciado as relações interpessoais

Há muita controversa sobre a influência da internet nas relações pessoais. Para alguns autores, ela afastaria as pessoas, para outros, ela as aproximaria. Tentaremos relatar aqui estes dois pontos de vista. Para Bauman (2004), com o advento da internet, que hoje tem um papel central na vida de todos, as pessoas estão cada vez mais isoladas e solitárias, conversam menos com seus familiares e vizinhos, interagem em primeiro lugar com uma máquina: seus tablets, smartphones e notebooks. Segundo o autor, estes dispositivos permitiriam uma proximidade virtual que nem sempre favorece interações espontâneas no mundo real-físico. Apesar de estes aplicativos possibilitarem um maior encontro entre pessoas distantes e diferentes, eles levariam também a vários desencontros entre pessoas próximas. Como os desencontros provocados pelas novas tecnologias

estão afetando as pessoas, os casais e as famílias contemporâneas é um fenômeno ainda em transformação e uma questão atual que merece nosso interesse.

Bauman (2004) entende que as relações na contemporaneidade tendem a ser menos duradouras, mais inconstantes, incertas e voláteis. Mas acrescenta que, apesar dos laços humanos estarem mais vulneráveis e efêmeros, apesar das pessoas estarem mais individualistas, elas não deixam de procurar interação e até mesmo amor (BAUMAN, 2004, FREIRE *et al*, 2010). Este seria um paradoxo dos tempos atuais: as pessoas buscam relações, mas, ao mesmo tempo não desejam se comprometer; elas têm medo da solidão e procuram alguém, mas, não querem compromisso. Ele sinaliza que hoje em dia, rapidamente chama-se de amor coisas que, na verdade, não seriam amor, acrescentando que o amor de hoje é mais falado do que vivido. A proximidade virtual entre as pessoas acaba levando a uma relação mais intensa, mas, também, mais breve. Antes, para se apaixonar por uma pessoa era necessário conhecê-la pessoalmente, criar vínculos de afeto. Hoje tudo acontece no ciberespaço (FREIRE *et al*, 2010).

Do ponto de vista de Nicolaci-da Costa (2002), estes novos meios digitais criaram um novo espaço de interação, um novo espaço de vida, o ciberespaço, que é um lugar imaginário, no qual é compartilhada uma realidade também imaginária criada pelas redes de computadores. Este novo espaço de fluxos abriu a possibilidade de novos tipos de relações: as relações virtuais. Elas acontecem em chats, aplicativos, facebook, sites de relacionamento, etc. Com as redes sociais, as pessoas estão cada vez mais “próximas” umas das outras. Segundo a autora, “é surpreendente o poder que esse novo espaço e essa nova realidade têm de cativar e prender seus frequentadores” (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p196). Para ela, estes novos espaços geram novos modos de vida, que, por sua vez, geram novos comportamentos que formam novos traços psíquicos nas pessoas.

Nicolaci-da Costa (2005), em seu artigo sobre a sociabilidade virtual, faz duras críticas à visão que ela define como tecnofóbica do sociólogo Bauman. De acordo com a autora, esta visão negativa da sociabilidade virtual é infundada, além de ser um equívoco pensar que as interações virtuais são geradas exclusivamente pelas tecnologias digitais. Segundo a autora, antes da internet, as pessoas já se relacionavam à distância pelo telefone fixo, que também é um tipo de

comunicação virtual em tempo real. O que é, de fato, novo, o que realmente subverteu todos os parâmetros então vigentes de comunicação à distância, foi a criação de ambientes de encontros coletivos (as salas de bate papo) com pessoas desconhecidas até então. Isto permitiu a criação de uma nova era, onde contatos interpessoais podem ser travados virtualmente (geralmente por escrito), enquanto antes, na era do telefone, as interações virtuais eram restritas a uma rede de conhecimentos “reais”.

Cabe ressaltar que, para Bauman (2004), a internet e o ciberespaço não seriam os responsáveis pelo afrouxamento dos laços sociais. Esta seria uma tendência global. Entretanto, as relações virtuais acentuam o caráter descompromissado e efêmero das relações atuais e merecem nossa atenção. Moreira dos Santos (2017) sugere que as pessoas não querem mais estar ligadas permanentemente a alguém, elas não querem se sentir presas. As relações virtuais são consideradas não invasivas. Há muito medo em se relacionar com o outro e muita facilidade em se terminar relacionamentos, principalmente os relacionamentos virtuais, que se terminam em um click ou em uma ação de bloqueio.

Na contemporaneidade, a sociabilidade moderna e as trocas de informação entre as pessoas acontecem, prioritariamente, nas plataformas da internet, nas redes sociais como Facebook, Twitter, Instagram, WhatsApp, Tinder, e etc. Estas plataformas facilitam conhecer gente nova e socializar com um maior número de pessoas (PORTELLA, 2015). Entretanto, o autor, que se baseia nas ideias do filósofo Bauman, questiona se esta facilidade em encontrar virtualmente e com tanta facilidade pessoas novas não estaria levando a um estreitamento das interações espontâneas no mundo “real”. Ele cita um exemplo atual de estudantes que chegam cedo em sua sala de aula na universidade e, ao invés de socializarem com seus pares, conversam pelo WhatsApp ou postam fotos no Instagram. O mesmo aconteceria em outras situações sociais como uma sala de espera ou dentro de um ônibus. Presenciamos grande parte das pessoas absortas em seus celulares e com pouca disponibilidade para se comunicarem com seus vizinhos. Bauman (2004) chama este fenômeno de “solidão interativa”, uma falta de relações fora do ambiente virtual. Hoje, muitas das nossas relações começam ou terminam sem contato físico algum.

Canezin e Almeida (2015) acreditam também que as redes sociais funcionem como ferramentas de aproximação entre as pessoas para que elas se relacionem, não somente numa relação amorosa e/ou afetivo-sexual, mas também como uma forma de ampliar sua rede social. Para Portella (2015), não são os aplicativos de relacionamento que criam as dificuldades que as pessoas têm em estabelecerem relações espontâneas. Eles apenas denunciam sua existência.

Em seu artigo sobre a sociabilidade virtual, Nicolaci-da-Costa (2005) ressalta vários estudos que demonstram aspectos positivos deste novo tipo de sociabilidade, e afirma que os grupos virtuais podem levar a fortes laços de amizade e companheirismo entre seus membros. A comunicação coletiva em ambientes virtuais também torna possíveis a interação, os relacionamentos, as amizades e a formação de laços comunitários entre estranhos. Ela cita também que muitos relacionamentos amorosos iniciados em ambientes virtuais, se tornam relações fortes e duradouras podendo gerar casamentos reais. Segundo a autora, as novas tecnologias geram espaços de vida alternativos aos convencionais (NICOLACI-DA-COSTA, 2004)

3.

A internet interferindo positivamente nos casais contemporâneos

3.1.

Os novos casais e a influência da internet em suas vidas

O final deste século foi marcado pela chegada de novos meios de comunicação e com o surgimento da internet. Estas novas tecnologias de comunicação trouxeram muitas transformações de ordem social, econômica e cultural e hoje fazem parte do cotidiano das pessoas, casais e famílias (LEVY, 2017). Estas mudanças tiveram um importante impacto na vida das pessoas e na forma como os membros do casal se constituem e se relacionam. Com o computador e a internet, surgiu uma nova realidade, a “realidade virtual” (MOREIRA DOS SANTOS, 2017). Atualmente, nossos relacionamentos acontecem tanto no mundo real quanto no mundo virtual: temos amigos virtuais, conversas virtuais e até mesmo alguns relacionamentos exclusivamente virtuais.

As transformações sociais, culturais e econômicas dos últimos anos têm impactado na vida dos casais. Segundo Levy, Winograd e Diniz (2017) a antiga ideia de um príncipe ou princesa encantados precisaram se confrontar com as características do século XXI. Hoje os jogos de sedução entre homens e mulheres, que articulam aspectos conscientes e inconscientes, se modificaram e as mídias sociais facilitam os flertes, as seduções e os contatos. Com isso, o processo que antes era mais lento, agora ganhou velocidade e as pessoas agem no namoro como consumidores ou compradores de mercadorias (LEVY, WINOGRAD & DINIZ, 2017). Para Illouz (2011), a internet permite um processo de barganha, na medida em que as pessoas procuram um parceiro que tenha o maior valor que elas podem conseguir ou que seja a melhor escolha possível (bonito, rico, simpático, bem-educado, inteligente, entre outros atributos). Isto acontece, uma vez que nos aplicativos é possível visualizar o mercado de parceiros potenciais, como se fossem produtos embalados prontos para serem consumidos. Segundo Illouz

(2011): “Enquanto na vida real, o mercado de parceiros mantém-se virtual - nunca visto, apenas pressuposto e latente -, na rede ele é real e literal, não virtual, porque os usuários da internet podem efetivamente visualizar o mercado de parceiros potenciais” (p.125).

Com o aumento da liberdade sexual, tanto homens quanto mulheres passam a seduzir e a cortejar. A mulher não se coloca mais exclusivamente numa posição submissa e expressa seus desejos, até mesmo os sexuais. Para Giddens (1992), a mulher moderna espera tanto receber quanto proporcionar prazer sexual e considera a satisfação sexual como elemento chave da relação. Isto fica mais evidente quando analisamos a evolução dos aplicativos de paquera. Vemos que, ao longo dos anos, cada vez mais aplicativos são orientados para as mulheres e as colocam em situação de dar o primeiro passo, como os aplicativos “Adote um cara” (2013) e “Bumble” (2017). Falaremos destes dois aplicativos nas páginas a seguir.

Atualmente, os contatos e trocas sociais não têm dado conta de seu papel nas relações amorosas. Os encontros pela internet se tornaram então uma necessidade, além de serem fáceis, anônimos, lúdicos e sem grandes riscos. (LEVY, WINOGRAD & DINIZ, 2017). Além disso, o casal contemporâneo não segue mais um modelo único, podendo apresentar uma grande diversidade de interações conjugais: casal homossexual, casal poliamor, casais que praticam troca sexual de casais, etc.

Há hoje uma reflexão ampla sobre o que seria um casal e os sites e aplicativos de relacionamento ajudam nesta reflexão. Com estes dispositivos, parece que as dimensões mais concretas, físicas e inconscientes dos encontros amorosos passaram para um segundo plano (NEYRAND, 2015). O romance pela internet acontece sem o corpo dos parceiros amorosos, contrariamente ao que acontece no amor romântico e nos afetos, que dão uma grande importância ao corpo. Na relação virtual não temos acesso às mãos suadas, às faces ruborizadas, os punhos cerrados, às gagueiras, às lágrimas, ao coração acelerado... o corpo está ausente. Em primeiro plano encontramos um processo de racionalização, escolhe-se um parceiro como uma mercadoria, pela sua fotografia, por sua aparência física ou apresentação pessoal. Mas, estranhamente, apesar dos aspectos

“descorporificados” da internet, a beleza e o corpo continuam presentes, só que através de imagens frias e congeladas, fixas (ILLOUZ, 2011). Segundo esta autora, as pessoas mais bem-sucedidas nos encontros amorosos por aplicativos são aquelas que se distinguem por sua originalidade linguística (elas têm que escrever coisas que as destaquem das outras pessoas), mas devem ter um perfil físico que se enquadre nos parâmetros de beleza convencional.

Houve também uma grande mudança no quesito tempo, uma vez que as relações acontecem em tempos muito mais velozes. “As pessoas têm que lidar com um volume e uma velocidade muito maiores de produção, intercâmbio e consumo românticos (ILLOUZ, 2011, p. 121). A internet pode tanto favorecer a manutenção dos casamentos e relacionamentos amorosos quanto atrapalhar tais relacionamentos. Os impactos positivos da internet na vida dos casais são variados, podendo favorecer as interações entre eles. Podemos pensar, de acordo com Moreira dos Santos (2017), que a internet não cria formas de se relacionar, mas ajuda as pessoas a encontrarem soluções para seus problemas.

A seguir apresentaremos, mais detalhadamente alguns impactos positivos no uso da internet pelos casais, mas já podemos enumerá-los aqui. A internet ajuda na manutenção do laço conjugal quando os casais encontram-se separados; ela serve também como um importante meio utilizado para demonstrar atenção e carinho para o parceiro; ela ajuda os casais, de todas as idades, a formarem e manterem uma rede social de apoio; é também um importante meio para a constituição de novos casais; ela pode ajudar na organização da vida familiar e servir para “esquentar” relacionamentos.

Quando casais são obrigados a ficarem distantes, por razões de trabalho ou pessoais, a internet ajuda na manutenção dos laços conjugais: as conversas cotidianas são possíveis e os cônjuges não se sentem tão sozinhos. Mesmo estando na mesma cidade, há possibilidade de trocas constantes. Hoje, as mensagens trocadas pelos parceiros amorosos são um importante meio de demonstração de carinho e atenção e os casais contemporâneos têm usado a internet para introduzir lembranças gentis, rotinas de carinho e palavras amorosas em seu cotidiano (ROUSSET, 2014). O amor precisa ser alimentado e nada melhor que um “sms”, um e-mail apaixonado, uma conversa no Messenger ou um

“emoticom” para tranquilizar um coração e alimentar a proximidade (FREIRE *et al.*, 2010). Temos visto igualmente que as redes sociais permitem a formação e manutenção de uma maior rede de apoio para o casal (MOREIRA DOS SANTOS, 2017), tanto para casais recém-casados que precisam de ajuda na construção de sua conjugalidade, como na manutenção de uma rede de ajuda no caso de casais idosos.

Sabemos que hoje os aplicativos e sites de relacionamento representam um importante meio para que pessoas se encontrem e formem casais. Além disso, entre os jovens, o principal meio de paquera é a internet, através de curtidas no Instagram, facebook, e outros aplicativos. Estas “curtidas” são o primeiro passo para a construção de algum tipo de relação. Com o celular, jovens e adultos gozam de grande liberdade e autonomia nas relações, podem enviar mensagens e ligar a qualquer hora do dia ou da noite, de qualquer lugar. Esta privacidade incrementa a intimidade dos relacionamentos e é vivida como um efeito positivo do advento da internet (NICOLACI-DA-COSTA, 2004).

O uso da internet permite ao casal uma melhor organização da sua vida familiar, dividindo as tarefas quotidianas de forma simples e eficiente (LE DOUARIN, 2014). Ou simplesmente para instrumentar tarefas que não dão conta de fazer, usando sites de agendamentos para lembrar de datas importantes para o casal (ROUSSET, 2014). Para esta autora, a internet também tem servido para ampliar a comunicação e a intimidade dos casais, permitindo que eles se digam, por mensagens *online*, coisas que não conseguem expressar face-a-face.

Podemos também falar das novas possibilidades que a internet trouxe para os casais que querem melhorar sua relação. Eles podem usar sites de relacionamentos íntimos para despertar ou aguçar suas fantasias e desejos sexuais ou introduzir experiências virtuais em seu relacionamento (ROUSSET, 2012). Hoje em dia é muito comum, por exemplo, entre os jovens o envio de “nudes” para seus parceiros, como forma de preparar para o encontro e excitar o parceiro. Também há trocas digitais eróticas entre os parceiros, a qualquer hora do dia e em qualquer local. Com a facilidade dos aplicativos do tipo whatsapp, pode se enviar a qualquer momento e o outro visualiza quando quer e quando estiver *online*.

Outro importante fator é que o celular, com internet, é vivido como um parceiro, uma companhia e aumenta a sensação de segurança das pessoas (Nicolaci-da-Costa, 2004). Hoje, quando se sai com seu celular, têm-se um acesso infinito à um grande número de pessoas e informações. Isto gera uma grande liberdade e independência para as pessoas e casais, elas se sentem mais seguras podendo acessar o outro em qualquer lugar e a qualquer hora, e a pessoa não se sente solitária e assim pode não ficar exigindo muita atenção de seu parceiro. Ter o celular consigo também permite, a qualquer hora e em qualquer lugar, fazer chamadas de emergência, o que tranquiliza os parceiros e familiares.

3.2.

Os aplicativos de relacionamento

Um aplicativo é um programa de computador concebido para processar dados eletronicamente, facilitando e reduzindo o tempo de execução de uma tarefa. Ele tem por objetivo ajudar o usuário a desempenhar sua tarefa da melhor forma possível. No caso dos aplicativos de relacionamento, a tarefa seria a de encontrar uma pessoa com quem se relacionar. As opções de aplicativos são variadas e cada usuário pode escolher o formato que mais lhe agrada.

É importante mencionar que antes mesmo do surgimento dos aplicativos de relacionamentos, em meados do ano 2000, já havia espaços virtuais de paquera e flerte virtual. Muito provavelmente estes sites e aplicativos de paquera foram criados a partir da observação de que os “chats” possibilitavam encontros entre pessoas e que seria lucrativo criar espaços específicos para a procura de parceiros amorosos. Para Illouz (2011), os sites de encontros *online* são um negócio lucrativo, visto que muitos deles têm conteúdos pagos. “No contexto global da economia da internet, os sites e anúncios de encontros *online* figuram entre os maiores ganhadores de dinheiro na rede (ILLOUZ, 2011, p.110).

Quase todos os aplicativos e sites de relacionamento vendem a ideia da facilidade em encontrar um par compatível ou um grande amor. A maioria das pessoas que os utilizam, pensam neles como “meio” para encontrar alguém na vida real

(RAMALHO, 2005). Os aplicativos seriam então um lugar de passagem para os primeiros contatos. Para Levy, Winograd e Diniz (2017) estes aplicativos deixam as pessoas pensarem que encontrarão o príncipe ou a princesa, tão desejados.

A seguir apresentaremos alguns aplicativos de relacionamento do momento, muitos deles utilizados no Brasil. Fizemos este levantamento através de uma pesquisa no google, em diferentes sites e a partir de diferentes artigos publicados na internet, dentre os quais Adams (2015), Gnipper (2018), Meinicke (2017), Valle (2018) e a Revista digital vivo tech. Nós os apresentaremos por ordem cronológica e descreveremos como funciona e para qual público se destina.

Nome e Ano de Criação do Aplicativo.	Descrição do aplicativo e Público Alvo
PAR PERFEITO Site desde 1995 Em aplicativo desde 2014	Voltado para pessoas solteiras que buscam um relacionamento sério. Todos os dias o aplicativo faz uma lista com até 11 possíveis pares perfeitos para a pessoa marcar como sim ou não. Essa lista é feita de acordo com as informações que a pessoa colocou no seu perfil e com as suas interações dentro do app.
ASHLEY MADISON 2001	Este aplicativo começou como um site e evoluiu para a versão aplicativo. É uma rede social de namoro on-line, voltado principalmente para pessoas que já estão em um relacionamento e que querem “pular a cerca”. Seu slogan é "A vida é curta. Curta um caso". É um aplicativo muito polêmico, cujo objetivo é unir pessoas comprometidas que querem sexo casual com sigilo completo.
Badoo 2006	O Badoo é um dos aplicativos mais antigos, voltado para conhecer pessoas e expandir o círculo de amizades. Até 2008, o Badoo se parecia muito com o Facebook mas depois evoluiu para um site de paquera. Neste site, não é preciso esperar a pessoa curtir a sua foto para conversar, todos os usuários podem trocar mensagens com todos os inscritos no aplicativo. Ele nasceu como um site mas se adaptou à versão aplicativo.

<p>C-DATE 2008</p>	<p>C-date atua no segmento de encontros casuais para um público hétero ou homossexual. Ele permite a seus usuários a liberdade de procurar por uma relação de maneira rápida, sem envolvimento para fins puramente sexuais, secreta e anonimamente. O sistema escolhe o parceiro(a) através das preferências cadastradas. Voltado para pessoas entre 30 e 50 anos que não querem uma relação séria.</p>
<p>e-HARMONY 2010</p>	<p>Voltado para público em geral. Neste aplicativo, a pessoa responde a um extenso questionário e o programa envia uma análise da sua personalidade e faz um acompanhamento diário das pessoas compatíveis.</p>
<p>GRINDR 2011</p>	<p>Voltado para o público homossexual masculino. O aplicativo faz uso do dispositivo geolocalização, que permite aos usuários acessar outros gays e homens bissexuais em estreita proximidade.</p>
<p>AMANTE DISCRETO 2011</p>	<p>Voltado para quem procura encontros discretos entre pessoas comprometidas. Este é um site de contatos para os comprometidos buscando uma aventura na internet, mas também aceita o cadastro de solteiros que buscam encontros casuais e sem compromisso.</p>
<p>TINDER 2012 no BR</p>	<p>O Tinder é o aplicativo mais utilizado no momento. Ele é voltado para todos os públicos, a partir de 18 anos. Ele cruza informações do Facebook e do Spotify, localizando as pessoas geograficamente próximas e com interesses em comum. As pessoas passam a conversar a partir de um “match”, onde cada um escolhe o outro. Sua interface é muito simples, exibindo fotos e informações gerais sobre a pessoa. É preciso fazer login pelo facebook. Desde final de 2016 o Tinder passou a permitir o perfil de usuário de pessoas transgênero.</p>

<p>POF (Plentyoffish) 2012 no BR</p>	<p>O site é destinado a solteiros e pró ativos que querem conhecer uma pessoa especial. O sistema ajuda usuários a identificar suas afinidades e encontrar alguém ideal para eles. Diferente de muitos, ele oferece questionários e cruza informações entre usuários.</p>
<p>HOT OR NOT 2013</p>	<p>Aplicativo voltado para casados e solteiros que buscam encontros casuais. Nele é possível avaliar os outros usuários como hot (quente) ou not (não) e então começar um bate-papo com quem também te achou “quente”. O perfil pode ser personalizado com a adição de interesses (filmes e televisão, esportes, música etc.).</p>
<p>ADOTE UM CARA 2013</p>	<p>Aqui são as Mulheres que comandam. Este site simula uma loja on-line onde se pode “comprar” um homem. A mulher escolhe um cara e coloca o avatar dele num carrinho de compras. São as mulheres que buscam os perfis dos homens cadastrados, como se estivessem fazendo compras em um mercado. Pouco convencional. Há filtros que podem ser pré-selecionados.</p>
<p>JAUMO 2013</p>	<p>Aplicativo para quem deseja encontrar e conversar com desconhecidos interessados em iniciar um relacionamento. O serviço funciona de forma parecida com o rival, Tinder, o usuário seleciona pretendentes de regiões próximas por meio da avaliação de suas fotos. Caso o interesse seja retribuído acontece o conhecido “match”.</p>
<p>HAPPN 2014 no BR</p>	<p>Voltado para todos os públicos. Este aplicativo é centrado na geolocalização e atua em tempo real, isto é, ele mostra as pessoas que cruzaram seu caminho dentro de um raio que a pessoa estabelece. Há também a possibilidade de receber avisos quando se cruza com alguém na rua. É preciso um “like” mútuo para se chegar ao chat privado.</p>

LUXY 2014	A rede social Luxy, uma espécie de Tinder só para ricos e promete conectar pessoas atraentes e bem sucedidas que gostam de todas as coisas Luxuosas. Além dos hobbies, marcas e salário, é exibida a cidade onde a pessoa mora. Mas apesar do tema exclusivo, o aplicativo é aberto para quem quiser acessar, não havendo qualquer restrição além de possuir uma conta no Facebook e ter smartphone
KICK OFF 2015	Voltado para pessoas que buscam relacionamentos sérios e que tenham conta no facebook. O usuário só entra em contato com os amigos dos seus amigos e com uma quantidade limitada deles por dia, no máximo 10. Voltado para pessoas que buscam um namoro sério.
ONCE 2015	Destinado a pessoas que buscam relacionamentos sérios. A palavra “Once” significa “uma vez”. O aplicativo libera apenas uma pessoa por dia. Ele visa a qualidade e não a quantidade e se baseia na ideia do cupido.
FRESH 2016	Foi criado pela mesma empresa do Tinder. Este novo software se espelha em dois concorrentes: happn e Snapchat. Sua proposta é que o usuário tire uma selfie por dia. Caso não renove a foto em 24 horas, seu perfil é jogado para o fim da fila – ou da tela. Pode-se optar por namoro ou amizade. As fotos não permitem filtros nem edições.
FEMME 2017	Este Aplicativo foi criado e desenvolvido no Brasil, pois foi identificada a falta de um app para mulheres bissexuais ou lésbicas. Ele foi laborado pelos criadores do Tinder. Femme, é voltado para mulheres em busca de relacionamento sério. Ele permite buscar mulheres nos arredores ou com características específicas.
BUMBLE 2017	Criado para mulheres que querem fugir do assédio de homens em aplicativos. Cabe à mulher escolher os parceiros potenciais. O aplicativo impede os homens de iniciar as conversas. Serve também para busca de amizades. Quando há um match, a mulher tem 24h para dar o primeiro passo. É uma espécie de Tinder feminista, que pode servir para namoro, amizade ou networking.

CUDDL 2017	Voltado para o público nerd e geek. É uma versão geek do Tinder. Os usuários são convidados a mostrar seu lado geek: devem escolher entre ícones de robôs, computadores, videogames e unicórnios, os que melhor os representem. Durante as conversas com os pretendentes, podem enviar adesivos e emojis. A conversa só começa se houver match
A OUTRA METADE 2017	Aplicativo voltado para o público romântico que procuram um namoro à moda antiga, na faixa etária entre 30 e 50 anos. Neste aplicativo as fotos não são obrigatórias, mas a descrição da pessoa, sim. É formado exclusivamente por brasileiros
ASTRO MATCH 2017 não disponível no Brasil	Aplicativo para amantes de astrologia. Une as pessoas pelas suas características astrológicas, após fazer o mapa astral de cada um.
HATER 2017	Voltado para pessoas que querem se unir por meio de "desgostos" em comum. O Hater une casais pelas coisas que ambos mais odeiam.
DIVINO AMOR 2018	Aplicativo destinado a brasileiros evangélicos que buscam um parceiro. É preciso cadastrar sua denominação religiosa e sua prática. É um aplicativo de relacionamento cristão, onde os homens buscam prioritariamente fidelidade e companheirismo e as mulheres companheirismo.
PHERAMOR 2018 Nos EUA	Voltado para americanos que moram em Huston, Texas. Somente lá este aplicativo está disponível. O aplicativo mapeia os genes dos pretendentes para formar casais com a química compatível. O objetivo é de coletar as suas informações genéticas para ajudar a escolher o parceiro ideal.

Esta lista de aplicativos de relacionamentos não é exaustiva, mas já nos permite ver que, cada vez mais, busca-se um parceiro de forma racional. O estudo de Jardim (2017) mostra que o Brasil é um enorme consumidor de aplicativos, ele afirma que o Brasil tem mais de 90 tipos diferentes de aplicativos de relacionamento, para públicos variados: homossexual, heterossexual, evangélicos, cristãos, veganos, idosos, infiéis, pessoas feias, etc. O antigo ditado “os opostos se atraem” parece não corresponder à lógica dos aplicativos. Vemos que plataformas

de relacionamento estão cada vez mais segmentadas, como o Divino Amor, que é destinado a pessoas evangélicas que buscam um parceiro, ou os aplicativos Grindr e Femme, aplicativos de relacionamento para público gay, o primeiro é voltado exclusivamente a homens e o outro a mulheres. Há também aplicativos segmentados por idade, como o “C-date” e “A outra metade”, voltado ao público de 30 a 50 anos. Alguns aplicativos colocam as mulheres num lugar de decisão, são elas que devem comandar a conversa, como o Bumble e “Adote um cara”.

Os aplicativos de namoro já chegaram para mudar por completo a forma como os casais se encontram. Illouz (2011) relata uma pesquisa efetuada em 1999 que afirmava que um em cada doze solteiros nos EUA já havia experimentado a busca de um parceiro *online*. Adams (2015) constatou que 38% dos americanos solteiros na época já buscavam relacionamentos *online*. Qual seria o percentual de hoje em dia? Estima-se que 70% dos casais serão formados dessa maneira, nos próximos 20 anos. A tecnologia alterou nossos comportamentos e hoje um aplicativo de paquera é utilizado da mesma forma que o Uber ou o Ifood. Para Illouz (2011) a internet faz com que o conhecimento intelectual do outro tenha premência sobre os sentimentos e as pessoas acabam olhando para os futuros pretendentes como se eles fossem mercadorias. Estes sites permitem um fácil acesso a informações objetivas, como renda, profissão, religião, formação profissional, etc., mas não dão acesso a outros importantes atributos, como por exemplo a generosidade, o senso de humor e as afinidades mais finas (ADAMS, 2015). Para Rocha (2012), com os aplicativos e as redes sociais, cada vez mais saímos de um mundo de sentimentos e vamos para uma premência da sensorialidade e da visibilidade espontânea.

O aplicativo Pheramor, que mapeia informações genéticas das pessoas para se encontrar um par quimicamente compatível ou perfeito, é um dos mais curiosos. Os idealizadores deste aplicativo pensam que é provável que o mecanismo que conecta um casal seja muito mais complexo, envolvendo muito mais que uma simples combinação genética. Porém, garantem que ele deva ter algum papel. “Eu sou química e eu posso dizer que os feromônios são uma grande caixa preta”, afirmou Asma Mirza, CEO e cofundadora do Pheramor, à Wired. “Nós sabemos que ele existe e que, de alguma forma, esses onze genes são ligados a eles, mas nós não sabemos”.

Os aplicativos de relacionamento, ou os apps para os mais íntimos, conquistaram muita gente pela facilidade de interação no tempo livre, pela quebra de barreira da timidez e pela gigantesca oferta de possibilidades. É possível começar e acabar a conversa na hora que quiser. Uma das principais vantagens apontadas pelos usuários de sites e aplicativos de relacionamentos é a possibilidade de se entrar em contato com inúmeras pessoas em curto espaço de tempo, o que é inviável no “mundo real”. Além disso, pode-se encontrar seu par sem sequer sair de casa, em qualquer hora do dia e sem preocupação com sua aparência física naquele momento (RAMALHO, 2005).

Nos aplicativos amorosos há uma maior liberdade e as estratégias de paqueras e conquistas ficaram mais fáceis (MOREIRA DOS SANTOS, 2017). A busca pelo “amor para sempre” deixou de ser o sonho ideal e presenciamos, atualmente, uma supervalorização do prazer e do sexo. Com as transformações da sociedade houve uma grande modificação da experiência amorosa, mudando a visão que se tem do amor, do sexo, do que seria um parceiro ideal e ainda de como encontra-lo (RAMALHO, 2005).

Estes aplicativos têm trazido uma real mudança cultural nos comportamentos de busca amorosa. Com a chegada ao Brasil dos aplicativos de encontros, Tinder em 2012, Happn em 2015, entre outros, encontros e escolhas amorosas passaram a acontecer por meio de uma procura ativa, tanto da parte dos homens quanto das mulheres. Há uma maior objetividade, praticidade, facilidade e liberdade nas escolhas amorosas. Nestes aplicativos, há um cardápio de pessoas que podem ser escolhidas. Ramalho (2005) relata que um relacionamento virtual difere dos chamados relacionamentos reais, pois o primeiro é mediado por um computador ou celular. As pessoas podem se comunicar quando ambas estão *online*, em tempo real, ou se comunicam fora do tempo real, quando uma delas está *offline*. Outro fator que difere este tipo de relação está ligado à possibilidade de anonimato, pois nas relações virtuais, muitas pessoas criam apelidos e mantêm sua identidade em segredo. E, finalmente, outro aspecto importante de diferenciação é que os relacionamentos virtuais acontecem entre pessoas que estão separadas fisicamente.

4

A internet interferindo negativamente nos relacionamentos

4.1.

O impacto da internet na vida dos casais atuais

Atualmente, o celular e o acesso à internet são onipresentes na vida dos indivíduos, dos casais e das famílias. Com estes acessos facilitados, aumentam as queixas e suspeitas de traição virtual e há sites feitos exclusivamente para este fim. Casos de infidelidade conjugal sempre aconteceram, mas a tecnologia e as redes sociais facilitam e agilizam este fenômeno. França (2018) cita estatísticas sobre o aumento da infidelidade nos casais contemporâneos, tanto por parte das mulheres quanto dos homens. Em seu livro recém lançado no Brasil, Perel (2018), explica que hoje a noção de infidelidade se ampliou e inclui não somente relacionamentos sexuais, mas também envolvimento platônicos, encontros em salas de bate papo, grupos no WhatsApp, exibicionismo pela internet, visitas a sites pornográficos, etc.

Em nossa pesquisa sobre temas ligados à internet e casais, verificamos alguns problemas que os casais contemporâneos vêm enfrentando devido ao uso da internet. São eles o afastamento conjugal, o aumento do ciúme, a invasão da privacidade do outro, o vício de internet, impacto da pornografia na internet sobre o matrimônio e a família, a webneurose, a nomofobia, as desvantagens dos aplicativos de relacionamentos, sexo virtual e traição. Há também a questão do público e do privado. Vemos então que este meio de comunicação tem grande impacto na vida dos casais contemporâneos. A internet pode assim ser considerada um fator de forte interferência na vida dos membros do casal, podendo influenciar até uma possível ruptura dos laços conjugais (Haack e Falcke, 2013; Canezin e Almeida, 2015; Calomagno, 2006; Pelúcio e Cervi, 2013). A seguir falaremos mais detalhadamente sobre cada uma destas influências negativas.

Os mesmos aplicativos de relacionamentos que impactam positivamente a vida dos seus usuários, também podem exercer impacto negativo. Assim, Adams (2015) cita um estudo de 2013 que revelou que um terço das pessoas que procuram relacionamentos *online* não tinham chegado a um encontro na vida real, isto é, a procura por um parceiro pela internet está longe de ser uma solução infalível e não deve ser utilizada como único meio de se encontrar um parceiro. Além disso, ainda hoje há muito preconceito a este respeito e muitas pessoas que se encontraram *online* mentem para seus familiares e amigos sobre as condições de seu encontro inicial. Outro problema comumente descrito por usuários destes aplicativos refere-se ao fato de nunca se saber se a pessoa do outro lado está falando a verdade ou não. É comum as pessoas quererem agradar e quererem corresponder às expectativas de seu par, mesmo às custas de mentiras e omissões. Perfis bem elaborados não fornecem informação fidedigna sobre como as pessoas realmente são (ADAMS, 2015).

Na contemporaneidade há o que se pode chamar de “webneurose”, que se caracteriza pela dependência de constante checagem de informações, e-mails, mensagens e outras formas de conteúdo disponíveis na internet, sempre na expectativa de que algo inesperado ou incomum aconteça (FREIRE *et al.*, 2010). Esta “webneurose” pode se transformar em uma base para ciúme e desentendimento. Aliás, as comunicações eletrônicas de um dos cônjuges, podem levar a ciúmes, discórdia, separação e até divórcio. Vemos com frequência um dos cônjuges desconfiados com a quantidade de mensagens que seu parceiro recebe e intrigado que este nunca se separa de seu celular (FRANÇA, 2018). O ciúme sempre existiu nos relacionamentos, mas com os recursos disponíveis nos dispositivos tecnológicos (histórico de conversas, mensagens enviadas ou recebidas, recados trocados em redes sociais), em muitos casos, a questão do ciúme tem se agravado (FREIRE *et al.*, 2010). Vemos também que são cada vez mais frequentes os casos de indivíduos que invadem a privacidade de seus parceiros em busca de uma “vida virtual secreta” (FREIRE *et al.*, 2010). Esta atitude fere a confiança do casal, sendo negativo para a conjugalidade.

Hintz (2001) relata que há muitos casais se separando devido à interferência da internet, que acabaria levando a um afastamento da convivência conjugal. O parceiro estaria sempre conectado com seu celular ou computador, não dando

mais atenção a seu cônjuge. Para Haack e Falcke (2013), o uso excessivo de internet diminui o tempo compartilhado entre o casal e é um fator de risco para o desenvolvimento da infidelidade. Aliás, hoje existe o que chamamos de Nomofobia, uma fobia causada pelo desconforto ou angústia resultante da incapacidade de acesso à comunicação através de aparelhos celulares ou computadores. É um termo muito recente, que tem origem nos diminutivos em inglês No-Mo, ou No-Mobile, que significa: sem telemóvel-celular. O parceiro privado de seu aparelho pode despejar sua ansiedade em seu par e criar desavenças no casal (CANEZIN & ALMEIDA, 2015), além de passar longas horas verificando suas redes sociais. A internet pode unir quem está longe, mas também, afastar quem está perto.

Nicolaci-da-costa (2002) cita um estudo de Young (1998) que defende que o uso intensivo da internet, assim como o fato de que as experiências vividas no ciberespaço serem tão atraentes, reais e intensas, pode levar a um comportamento patológico e ao vício. Sabemos que o vício, seja ele qual for, sempre é nefasto para os relacionamentos dos casais. O vício refere-se a um estado do organismo e se expressa por um comportamento compulsivo (GIDDENS, 1992). A pessoa acha muito difícil ou mesmo impossível parar seu vício apenas pela vontade, ela perde o controle sobre seu eu. O viciado precisa cada vez de mais estímulo para receber o mesmo nível de gratificação (GIDDENS, 1992). Pessoas viciadas precisam de ajuda profissional para vencerem suas obsessões e compulsões (GOTTMAN, 2012). O vício acaba se tornando mais importante que outras coisas na vida da pessoa, como sua família, seu trabalho, sua ética, sua religião, etc.

E, falando em vício, outro vício ligado à internet e que exerce forte impacto nos membros do casal, é o vício em pornografia. Este vício já existia antes da era digital, mas com as facilidades atuais, ele tem se tornado cada vez mais presente e problemático na vida de vários casais. Sabemos que a sexualidade, principalmente a masculina, é fortemente impulsionada por estímulos visuais. Segundo Gottman (2012) há mais de 500 milhões de páginas de pornografia na internet, quase todas dirigidas a homens, e a indústria pornográfica gera mais de 97 bilhões de dólares por ano, no mundo todo. Para este autor, o vício em pornografia não é um problema se um casal utiliza a pornografia para incrementar seu desejo e prazer mútuos durante o ato sexual. O que acontece é que, como no caso citado, muitas

vezes a pornografia é consumida a sós e se torna uma fonte de traição. Gottman (2012) relata que a maioria dos consumidores de pornografia escondem o vício e este segredo acaba por criar maior afastamento dos membros do casal, diminuindo a intimidade entre ambos, o que, por sua vez, pode aumentar o uso da pornografia. Gottman (2012) relata também que:

“O consumo excessivo de pornografia também pode levar a uma desconexão entre o casal... pesquisas apontam que em 70% dos casais onde um dos membros tem uma dependência de sexo virtual, pelo menos um dos cônjuges perdeu interesse na vida sexual deles” (p.67).

Em seu estudo sobre sexo virtual e uso da pornografia digital, Gottman (2012) revelou que, nestes casos, os orgasmos acontecem com a imagem de outra pessoa que não o companheiro ou a companheira. Isto faz com que o valor erótico deste acabe sendo diminuído, pois há ligações cerebrais de recompensa. É comum também vermos que nos websites, com frequência há imagens de sexo com degradação e violência, especialmente contra mulheres, e esta situação pode se tornar uma influência negativa para os casais, sobretudo os mais jovens e sem muita experiência sexual. O autor relata também que a pornografia serve como uma escada que leva à infidelidade, graças as salas de bate-papo, ao sexo por telefone e outros. A infidelidade já era algo comum muito antes da internet, logo não podemos responsabilizar as novas tecnologias pela prática da infidelidade (CANEZIN & ALMEIDA, 2015). Entretanto, Hintz (2001) sugere que a internet tem facilitado muito a infidelidade e a traição virtual: o acesso ao sexo virtual é facilitado e há muitas opções de conversas e chats em redes sociais. Ao mesmo tempo, nunca foi tão fácil descobrir as traições: basta entrar no histórico das conversas e ler (FRANÇA, 2018). A infidelidade sempre existiu nos casamentos, mas hoje há vários aplicativos para facilitar a infidelidade de pessoas casadas, como os aplicativos “Ashley Madison” e “Amante discreto” que descrevemos anteriormente. Para Nicolaci-da Costa (2002) o sexo virtual é visto como uma consequência do atual desregramento social, e não como uma consequência negativa direta dos novos meios de comunicação.

Illouz (2011) sublinha também outro problema ligado à internet. As relações à distância sofrem mais com a questão da decepção, pois geram maiores expectativas que, quando confrontadas à realidade, geram decepções. É o caso dos

primeiros encontros após conhecimento por aplicativos de paquera. Neste processo de busca pelo parceiro acaba ocorrendo, segundo a autora, uma objetificação do encontro.

Um último assunto que podemos ressaltar refere-se a uma questão cara ao pensamento sociológico, o da discussão do público e do privado. Vemos com frequência pessoas usando seus celulares na rua, nos meios de transporte, nas salas de espera de aeroportos, nos restaurantes etc. Tirando selfies ou registrando vídeos sobre o que fazem, comem ou sentem. No ciberespaço, as dimensões do público e do privado vem sofrendo fortes mudanças e mostram-se difusas. Hoje em dia, as pessoas publicam seus perfis como forma de conquistar novos amigos, expõem características e gostos pessoais, desabafam, divulgam conteúdos íntimos de forma pública nas redes sociais. No ambiente da internet, estes comportamentos são bastante triviais. Há uma maior exposição da própria intimidade, um forte consumo da intimidade alheia e novas e múltiplas formas de sociabilizar (ROCHA, 2012). Não há como pensar que isso não influencia as relações íntimas dos casais, cada vez mais expostos, cada vez mais vistos, cada vez mais solicitados.

4.2.

A internet e a traição

Haack e Falcke (2013) citam um estudo de 2010, realizado pela American Academy of Matrimonial Lawyers com advogados que trabalham em casos litigiosos de divórcio. Constatou-se que um em cada cinco divórcios nos Estados Unidos tem a rede social Facebook citada no processo de separação. A rede social seria em muitos casos causa de conflitos e utilizada para se encontrar provas de infidelidade. O estudo verificou que problemas relacionados ao dinheiro e à intimidade já não são as principais causas de divórcio nos EUA e que o Facebook, sozinho, já seria responsável por 20% dos casos (HAACK & FALCKE, 2013).

Como já enunciamos acima, a internet não cria novas realidades, mas muitas vezes acentua ou denuncia algo que já existe. Por mais que a internet coloque à

disposição das pessoas a possibilidade de contato com várias outras pessoas, não devemos atribuir a ela a culpa pelos divórcios (CANEZIN & ALMEIDA, 2015). Entretanto, mesmo não sendo a grande vilã, é incontestável que ela colabora para que as pessoas encontrem mais caminhos para a infidelidade. As traições por meio digital causam muito sofrimento à pessoa traída e podem levar à dissolução do relacionamento.

Quando falamos da influência negativa da internet na vida dos casais, pensamos primeiramente em traição virtual. Haack e Falcke (2013), em suas pesquisas apontam que diversos relacionamentos amorosos que se iniciam pela internet acabam se transformando em relacionamentos amorosos presenciais. As autoras acreditam que a maioria dos casos amorosos da rede social não foram intencionais, mas começaram por curiosidade, pois a rede social facilitou reencontros com ex-namorados, ex-amantes e amigos, facilitando assim a prática da infidelidade.

Em seu estudo, Haack e Falcke (2013) questionaram os participantes sobre o que eles consideravam infidelidade. As respostas obtidas demonstram que a infidelidade não se resume a ter outra pessoa ou ter contato físico com outra pessoa. São também consideradas traições: trair a confiança, mentir, desejar outra pessoa física ou virtualmente, se relacionar pela internet, dar o número de telefone, flertar, acessar sites de pornografia, faltar ao respeito com o companheiro e manter-se no relacionamento sem sentimento. O estudo mostra também a importância da quebra do contrato, do compromisso, declarando que a “infidelidade ocorre quando duas pessoas mantêm um compromisso e ele é rompido, não importando nem onde, nem quando e nem com quem” (HAACK E FALCKE, 2013, p.313).

Juridicamente, sob a ótica do Direito e em uma concepção mais tradicional, só se considera infidelidade ou adultério quando há um ato sexual com uma terceira pessoa fora do casamento. Para esta concepção, a infidelidade virtual não poderia ser classificada como adultério, mas sim, um “quase adultério”, pois não chega as vias de fato da conjunção carnal (CARLOMAGNO, 2006). Uma outra tendência jurídica, mais ampla e atual, expande o critério acima mencionado e considera que a infidelidade ocorre quando há uma quebra do contrato estabelecido entre os

parceiros(HAACK&FALCKE, 2013; CARLOMAGNO, 2006).Um casal precisa conversar sobre seu contrato conjugal, sobre sua conjugalidade, afim de não dar margens à comportamentos infiéis.

Vemos que há controvérsia sobre a traição virtual, seria ela uma traição de verdade? No que diz respeito aos sentimentos para as pessoas traídas, com certeza, sim.A descoberta da traição é sempre geradora de sofrimento e decepção. A ausência de contato físico não impede o envolvimento emocional e coloca em risco a cumplicidade do casal (CANEZIN& ALMEIDA, 2015).Entretanto, Carlomagno (2006) relata que uma pesquisa realizada pela universidade da Flórida divulgou que 83% das pessoas casadas entrevistadas que mantiveram relações virtuais, não consideraram o feito como uma traição ou infidelidade. Atualmente, no Brasil há sites específicos para a infidelidade, como o Second Love (2012), O amante discreto (grátis para as mulheres e pago para os homens), Ashley Madison, cujo slogan é “A vida é curta. Curta um caso” (2012, grátis para as mulheres e pago para os homens) e outros tantos. Estes sites têm por objetivo ajudar pessoas casadas a encontrar um caso extraconjugal (HAACK& FALCKE, 2013).

Pelúcio e Cervi (2013) estudaram o mercado das traições sigilosas *online* no Brasil e perceberam que 65% dos usuários destes sites de infidelidade são homens casados que querem continuar casados, mas mantendo casos clandestinos. Eles se declaram felizes em seu relacionamento e não querem mudar de vida, mas desejam viver momentos que os ajudem a suportar o dia a dia conjugal. Muitos deles procuram não apenas sexo, mas também amizade e companhia.

A internet e as redes sociais têm inúmeras influências, positivas e negativas na vida dos casais. Cada vez mais a internet é usada para formar relacionamentos e romances, através dos aplicativos de paquera. Mas, assim como novos casais se formam nas redes, a internet também tem facilitado a intensificação das relações extraconjugais. A infidelidade *online* se constitui como um grande desafio enfrentado pelos membros dos casais. As mídias sociais podem levar algumas pessoas à vários comportamentos de compulsão e vício, como o vício em internet, o vício do adultério através de sites para casados, o vício em sexo virtual, o vício em pornografia digital, o vício em jogos eletrônicos, o vício em checar

constantemente as redes sociais (webneurose) e o vício em precisar sempre do celular por perto (nomofobia). Todos estes vícios não passaram a existir devido à revolução tecnológica, mas ganharam novas facetas e pouco se sabe ainda sobre seu real impacto na vida e na sexualidade dos membros dos casais. Não podemos responsabilizar a internet pelo surgimento de problemas nas relações conjugais, entretanto esta nova tecnologia intensifica e explicita as dificuldades já existentes.

5.

Considerações finais

Em nossa prática clínica nos deparamos com uma infinidade de demandas e queixas ligadas à interferência onipresente da internet na vida íntima das pessoas e dos casais. Este trabalho visou estudar como o casal contemporâneo, inserido em um contexto histórico-social marcado pela revolução tecnológico-digital tem conseguido lidar com as novas influências que penetraram em suas vidas e mudaram sua organização mental e interacional. A internet oferece inúmeras novas possibilidades, mas traz também inúmeros e novos problemas aos casais, na sua formação, manutenção e até em sua dissolução. Com o levantamento bibliográfico realizado para este estudo pudemos perceber que nossos questionamentos, baseados em observações empíricas de consultório, têm sido compartilhados com os questionamentos de vários estudiosos sobre o assunto.

Vimos que até o final do século XIX eram comuns os casamentos por interesse ou arranjados pelas famílias, e que, a partir dos séculos XIX e XX, o amor romântico passou a predominar no âmbito das escolhas amorosas. Desde então, homens e mulheres têm sido influenciados pelos ideais românticos nos quais há uma idealização do parceiro, uma ideia de que duas pessoas que se unem se transformam em uma só e de que existe um amor eterno e exclusivo. Para os românticos, não se pode amar mais de uma pessoa ao mesmo tempo e, quem ama, não sente desejo sexual por mais ninguém. Na contemporaneidade, estamos saindo, pouco a pouco, da era do amor romântico e vemos, cada vez mais, a ascendência da racionalidade e de um amor mais “confluyente” (GIDDENS, 1992). Até o século XX, a escolha do parceiro amoroso acontecia em espaços públicos como praças e igrejas. Hoje, ao antigo espaço público, junta-se um novo, o ciberespaço, um espaço imaginário que é vivido como concreto.

As relações virtuais que acontecem no ciberespaço não são um substituto para as relações “reais”, mas sim, um complemento que, cada vez mais, vem ocupando espaços relacionais e se tornando presente na vida de todos nós. Após o surgimento da internet e do ciberespaço vimos que este se transformou em um importante lugar de conquistas amorosas. Hoje em dia, a ideia de um “amor à primeira vista” (*coup de foudre*), espontâneo, abrupto, inexplicável e irracional é

muito diferente dos encontros organizados por aplicativos, que são calculados, racionalizados e selecionados. Talvez, o fato de que os romances pela internet aconteçam sem o “corpo” (em uma dimensão incorpórea ILLOUZ, 2011) facilite este processo de racionalização. Cada vez mais nos deparamos com pessoas receosas em flertarem e se envolverem com parceiros que encontram em baladas, bares ou festas. A internet propicia um certo sentimento de segurança na escolha do parceiro. Não há uma substituição das praças pelo espaço digital, assim como não há uma substituição radical do amor romântico pelo amor mais racional. Estamos presenciando um momento de transição onde há uma superposição de várias formas de pensar e agir, de vários valores, uns mais convencionais, outros mais contemporâneos. O mundo tem mudado em uma velocidade cada vez maior e as pessoas têm tido cada vez menos tempo para se adaptarem a estas mudanças, reagindo, muitas vezes sem refletir, a esta superposição de “formas de pensar, sentir e agir”. Assim, ao mesmo tempo que querem escolher rapidamente e racionalmente um parceiro via aplicativo, querem também mergulhar em antigas sensações e sentimentos românticos de outrora. Acreditamos que os fatores inconscientes que orientam a escolha amorosa permanecem presentes nas escolhas por aplicativos, apesar de um aumento dos aspectos ligados à objetividade e à racionalização. Contudo, pensamos que estes aspectos inconscientes passariam para um segundo plano em um segundo momento, atuando após o “match”, nas conversas preliminares e no primeiro encontro. Vemos assim uma inversão em relação aos encontros espontâneos. Antes, as pessoas se conheciam e se sentiam atraídas fisicamente, para então, começarem a investir na relação. Hoje, investe-se na relação quando se decide que, uma determinada pessoa é compatível para um relacionamento.

Os espaços e encontros virtuais são mais simples, rápidos e acessíveis a todos os públicos. Neles, há uma aceleração das etapas do processo de encontro e escolha amorosa: rapidamente as pessoas têm acesso a um número infinito de pretendentes, o jogo da sedução é mais direto, os contatos e o primeiro encontro são feitos rapidamente. Com isso, estes aplicativos trazem a ilusão de uma “matemática do amor”, onde as pessoas acreditam que critérios objetivos possibilitariam encontros perfeitos com pessoas perfeitas. Muitos, quando entram nestes aplicativos, inconscientemente vivem esta ilusão: lá encontrarão o par

perfeito, o objeto ideal de amor tão desejado. Há, de fato, uma nova subjetividade, mas acreditamos que, mesmo neste processo mais consciente de escolha amorosa, subsista algo inconsciente que dirija estas escolhas e que permaneça ligado às vivências primitivas e inconscientes. Infelizmente, encontramos poucos estudos sobre este importante tema atual, talvez por ser muito recente.

Vimos em nosso estudo que os novos relacionamentos são mais flexíveis e não têm a pretensão de serem “para sempre”. Na era digital, tudo muda o tempo todo, há sempre algo novo e melhor, o futuro está sempre muito incerto. Isto parece influenciar os relacionamentos amorosos também. Como sugere Bauman (2004), hoje vê-se mais paixão que amor, e a paixão tem como característica principal a urgência e a intensidade. Há uma facilidade tão grande para encontrar pessoas que, cada vez mais, homens e mulheres aumentam o número de conquistas amorosas (sobretudo os mais tímidos) ao mesmo tempo que ficam cada vez mais exigentes e abandonam as antigas conquistas por outras, melhores e mais atuais. Parece que, com a rapidez do mundo contemporâneo e com a influência da internet na vida das pessoas, as crises dos casais acontecem mais cedo, pois tudo é acelerado e intenso, o que traz maior instabilidade emocional. Notamos, também, uma mudança no padrão comportamental de homens e mulheres. Cada vez mais as mulheres se colocam em uma posição ativa na procura amorosa.

Os *smartphones* são onipresentes na vida de todo casal, para o melhor (envio de mensagens amorosas, aproximando os que estão longe, enviando imagens sensuais, favorecendo novos encontros, etc.) e para o pior (criando ciúmes, facilitando o acesso à pornografia e à traição via sites de infidelidade, etc.). Não sabemos se os aspectos positivos trazidos pela internet na vida dos casais, se sobrepõe aos aspectos negativos, e vice-versa. Não sabemos tampouco se a internet está, ou não, fragilizando a vida dos casais, mas, com certeza, ela os está forçando a maiores questionamentos e trazendo novos desafios para suas vidas. Nos parece que, de forma geral, está mais fácil começar um novo relacionamento, mas também, está mais difícil manter este relacionamento, pois as novas possibilidades da internet facilitam comportamentos como a invasão de privacidade, o ciúme e a traição. Mas também podemos ver esta influência de outra forma, e pensar que as relações virtuais, por serem vividas como menos

invasivas, poderiam estar influenciando as relações pessoais, levando-as também a serem menos invasivas e mais flexíveis.

Pensamos que a internet é um “meio”, e não um “fim”. Ela é, por exemplo, um meio de encontrar alguém, de manter a proximidade com o parceiro, de entrar em uma relação extraconjugal, etc. Ela não pode ser confundida com o objetivo final: encontrar alguém, se manter em contato, trair. A internet não cria realidades, ela apenas acentua ou denuncia o que já existe, mas fazendo isso, ela muda a forma como as pessoas lidam com esta realidade. Nunca foi tão fácil encontrar alguém, manter contato com alguém e trair alguém. Nunca foi tão fácil também terminar com alguém, bloquear alguém de sua vida e optar por um relacionamento aberto. Entretanto, mesmo imerso em um ambiente de tantas transformações, o sujeito contemporâneo permanece buscando formas de estar em um relacionamento.

6.

Referências bibliográficas

ADAMS, R. A ciência lista sete desvantagens do namoro online. In: **Revista The Huffington Post**, 28.07.2015

ANGELO, C. **A escolha do parceiro**. In: ANDOLFI, M. (Org.). “O casal em crise”. Ed. Summus editorial, São Paulo, 1993

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2004

BÉJIN, A. **O casamento extraconjugal dos dias de hoje**. em ARIÈS, P., BÉJIN, A. (orgs). Sexualidades ocidentais (p183-193). São Paulo, Brasiliense, 1987.

CANEZIN, P.F.M., ALMEIDA, T. Ciúme e as redes sociais: uma revisão sistemática. **Revista pensando famílias**, 19 (1), pp.142-155, jun. 2015.

CARLOMAGNO, F. **Aspectos penais e civis da infidelidade virtual**. portal de e-governo, inclusão digital e sociedade de conhecimento, projeto buscalegis, www.egov.ufsc.br, 2006.

DIAS, M. **A construção do casal: um estudo sobre as relações conjugais contemporâneas**. Tese de doutorado, Departamento de psicologia, PUC-Rio de Janeiro, 2000.

DONNAMARIA, C.P., TERZIS, A. Sobre a evolução de vínculos conjugais originados na internet. **Arquivos brasileiros de psicologia**, v.61, nº3, Rio de Janeiro, dez. 2009

DUARTE, J., ROCHA-COUTINHO, M. Namorado: uma forma contemporânea de conjugalidade? **Psicologia clínica**, 23(2), p.117-135, 2011.

EIGUER, A. **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes médicas, 1985.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, vol. 11, n. 2, pp. 379-394, 1998.

FRANÇA, V. Infidelidade 2.0: Nunca foi tão fácil trair. Nunca foi tão fácil esconder. Revista época, editora globo, nº 1035 de 30.04. 2018

FREIRE, B. et al. **Paixão, ciúme e traição: a liquidez das relações humanas no ciberespaço**. curso de comunicação social da universidade Federal do Pará. Disponível em: www.bocc.ubi.pt, 2010.

FREUD, S. **Sobre o Narcisismo: Uma introdução**. (1914) In: Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro, Imago, 1987.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. UNESP, São Paulo, 1992.

GNIPPER, P. **10 sites de relacionamentos para você encontrar a metade de sua laranja**. Disponível em <http://canaltech.com.br>, 2018. Acesso em 10.09.2018

GOTTMAN, J.; SILVER, N. **O que faz o amor durar? Como construir confiança e evitar traição**. Editora Fontmar, Rio de Janeiro, 2012.

HAACK, K.R., FALCKE, D. Infidelid@de.com: infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela internet. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v.19, nº2, pp.305-327, Ago. 2013.

HINTZ, H.C. Novos tempos, novas famílias. Da modernidade à pós-modernidade. **Revista pensando famílias**, nº3, p.8-19. Disponível em: http://www.research.net-profile-Helena_Hintz, 2001.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. ed. Zahar, Rio de Janeiro, 2011.

JARDIM, M.C.; CARVALHO MOURA, P.J. A construção social do mercado de dispositivos de redes sociais: a contribuição da sociologia econômica para os aplicativos de afeto. TOMO, **revista do programa de pós-graduação em sociologia**. Universidade Federal do Sergipe, nº30, jan-jun, 2017.

LE DOUARIN, L. Usages des nouvelles Technologies em familles. in **Informations sociales**, nº181, ed. CNAF, 2014,

LEVY, L.; WINOGRAD, M.; DINIZ, G. **Cinderelos e cinderelas: o jogo da sedução entre novos e velhos padrões.** In FERES-CARNEIRO, T. (org.) Casal e Família: Teoria, pesquisa e clínica. Ed. PUC-Rio prospectiva, Rio de Janeiro, 2017.

MAGALHÃES, A.S. **Transmutando a subjetividade na conjugalidade.** In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). “Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas”.Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, p. 225-243, 2005.

MEINICKE, T. **Muito além do Tinder.**Publicado na revista Veja Rio de 2 jun 2017, disponível em: <https://vejario.abril.com.br/.../muito-alem-tinder-apps-aplicativos-paquera-namoro-2/>, 2017.Acesso em 10.09.2018

MOREIRA DOS SANTOS, A. **Do flert ao match: uma breve história do aplicativo tinder e do amor no Brasil.** Monografia da faculdade de história da UEP, Universidade estadual da Paraíba, 2017.

NEYRAND, G. L’impact conjugal du virtuel, éclatement des façons de faire couple à l’heure de l’internet. In **Dialogue, Familles et Couples**, n° 210, 2015.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol.18, n.2. pp.193-202, mai-ago. 2002.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Impactos psicológicos do uso de celulares: uma pesquisa exploratória com jovens brasileiros. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, vol. 20, n.2, pp.165-174, mai-ago, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, A.M. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. Departamento de psicologia PUC-Rio, **revista Psicologia & Sociedade**, 17 (2), pp. 50-57, mai-ago. 2005.

PELUCIO, L., CERVI, M. **Traições, Pequenas Mentiras e Internet: conjugalidades contemporâneas e uso de mídias digitais.** ver. Gênero na Amazônia, Belém, n°3, jan-jun, 2013.

PEREL, E. **Casos e casos: repensando a infidelidade.** ed. Objetiva, 2018.

PORTELLA, L. **As redes sociais digitais e o conceito de amor líquido de Zygmunt Bauman, no caso do aplicativo Tinder.** Monografia do curso de jornalismo, faculdade de Artes e comunicação, Universidade de Passo Fundo. Disponível em: <http://repositorio.upf.br/handle-riupf-1004>, 2015.

PUGET, J. & BERENSTEIN, I. **Psicanálise do casal.** Porto Alegre, artes médicas, 1993.

RAMALHO, E.F. **Par perfeito: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos.** Dissertação de mestrado, Departamento de psicologia, PUC- Rio de Janeiro, 2005.

REVISTA DIGITAL VIVO TECH: **Amor em tempos de Internet: que tal usar os apps de relacionamentos?** em 20.04.2018, disponível em <https://www.vivotech.com.br/amor-em-tempos-de-internet-que-tal-usar-os-apps-de-relacionamento/>, 2018. Acesso em 15.09.2018.

ROCHA, A.M.M. Público e privado: notas conceituais sobre a transformação da intimidade na internet. In **Intratextos**, Rio de Janeiro, p.103-125, 2012.

ROSSET, M.S. **“O casal nosso de cada dia”**, ed. Artesã, Belo Horizonte, 2014.

SATIR, V. **A mudança no casal.** In: ANDOLFI, M. (Org.). **“O casal em crise”**. Ed. Summus editorial, São Paulo, 1993.

VALLE, C. **Os 10 melhores aplicativos de relacionamentos.** revista Cissa Magazine, especialista em tecnologia, de 05.10.2017, disponível em <https://www.cissamagazine.com.br/blog/melhores-aplicativos-para-relacionamento>, 2017. Acesso em 01.11.2018.